

DAS TRINCHEIRAS À *BLITZKRIEG*: A EVOLUÇÃO OPERACIONAL DA GUERRA ENTRE 1914-45.

João Rafael Gualberto de Souza Morais¹

RESUMO: Este artigo trata da transição da guerra de trincheiras, que pautou a principal frente da Primeira Guerra Mundial, à *blitzkrieg*, que redefiniu os rumos das doutrinas militares a partir da Segunda Guerra Mundial. O trabalho aborda as razões que levaram ao impasse operacional das trincheiras, o processo de sua superação no período entre guerras e uma análise da doutrina operacional alemã empregada entre 1939-41.

Palavras-chave: Doutrina militar, 2ª Guerra Mundial, Estudos Estratégicos.

ABSTRACT: This article deals with the transition from trench warfare, which was the main front of the First World War, to the blitzkrieg, which redefined the direction of military doctrines from the Second World War onwards. The work addresses the reasons that led to the operational impasse in the trenches, the process of overcoming it in the interwar period and an analysis of the German operational doctrine used between 1939-41.

Key-words:

INTRODUÇÃO

“A derrota é melhor mestra que a vitória.”

Winston Churchill

A Alemanha revelou ao mundo uma surpreendente doutrina operacional quando invadiu a Polônia, em 1939. Liderada por divisões blindadas, a *Wehrmacht*² envolveu rapidamente o Exército polonês, que combatia segundo princípios que se mostraram obsoletos em face dos métodos alemães. A resistência tenaz não apenas dos combatentes poloneses, mas também de franceses, gregos, russos e tantos outros pela Europa (e além) se mostraria, durante os primeiros anos da guerra, insuficiente contra uma força treinada e

¹ Doutor em Ciência Política pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. É docente no Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense (INEST/UFF).

² “Forças Armadas alemãs”.

empregada de modo superior. Nesse sentido, a *blitzkrieg*³ significou uma revolução operacional, cujo princípio remonta ao último ano da Primeira Guerra.

A *blitzkrieg* foi resultado de um processo para solucionar problemas que vinham dominando os círculos militares desde a segunda metade do século XIX, e que assumiram maior importância após o fracasso operacional da Primeira Guerra. Tais debates se deram no lastro de intensas modificações na guerra decorrentes dos impactos da Revolução Francesa e da Revolução Industrial no campo de batalha. Juntas, essas duas revoluções combinaram massas de homens e toneladas de aço para conduzir a guerra ao fenômeno total que marcou a primeira metade do século XX, oportunamente batizada por Eric Hobsbawm como “era da catástrofe” (1914-45).

Em face dessa explosiva combinação, o principal desafio para estrategistas e pensadores militares era restaurar a capacidade ofensiva dos exércitos, posta em dificuldades críticas com o aumento exponencial do poder de fogo, que, sem melhorias proporcionais na mobilidade, favoreceu a defesa em detrimento do ataque.

Essa situação se mostraria em toda sua gravidade e complexidade durante a Primeira Guerra Mundial, imortalizada como uma “guerra de trincheiras”. Embora as inovações táticas implementadas ao final do conflito tenham viabilizado, em alguma medida, o rompimento do impasse das trincheiras, havia muitos problemas ainda com relação à exploração da ruptura. O problema central era equacionar fogo e movimento (as “variáveis” do ataque) para sobrepujar defesas dotadas de armas cada vez mais devastadoras, com cadência de tiro e alcance muito superiores àqueles previstos nos manuais de infantaria vigentes, legados, sem grandes alterações, da Era Napoleônica. Consequentemente, a tendência predominante no campo de batalha – entre oponentes com alguma simetria – foi o impasse entre posições estáticas e inexpugnáveis pelos assaltos da infantaria.

Assim, era necessário repensar o quadro doutrinário a fim de proporcionar aos exércitos a retomada da capacidade de decisão rápida, o que desencadeou um processo de reformulação que contou com reflexões em diversas nações, mas foi conduzido institucionalmente com firmeza apenas na Alemanha, dando ao Terceiro Reich a dianteira nas primeiras fases da Segunda Guerra Mundial. A *blitzkrieg* apresentaria, duas décadas depois da experiência das trincheiras, a solução para o impasse entre fogo e movimento que marcou a Frente Ocidental entre 1914-18, a partir de inovações emergentes no campo tático e material ainda

³ “Guerra relâmpago”, alcunha dada ao método alemão por jornais britânicos, no começo da guerra.

ao final da guerra, articuladas com reflexão doutrinária e experimentações durante as décadas de 1920/30.

Neste artigo, pretendo explicar o processo que impulsionou essa revolução operacional, o porquê do pioneirismo alemão e a essência da *blitzkrieg*. Para dar conta disso, começo pela análise do impasse da Primeira Guerra, bem como dos primeiros movimentos em direção à sua superação, na fase derradeira do conflito. Depois, passo aos desdobramentos do processo durante o período entre guerras, para, por fim, analisar a *blitzkrieg* com direito a algumas considerações sobre o seu emprego nas campanhas da Polônia, França e União Soviética.

1. ÀS TRINCHEIRAS

Com o aumento da capacidade defensiva dos exércitos a partir do aumento do poder de fogo, o tema predominante durante a segunda metade do século XIX nos debates militares era acerca do “argumento” principal do ataque. Se um assalto poderia ser neutralizado por defesas bem-preparadas, o valor moral passou a ser objeto de reflexões que traduziam a guerra como um embate de vontades onde recursos materiais teriam papel secundário. Essa perspectiva levou à formulação de doutrinas ofensivas que davam à infantaria a função de atacar mesmo ao custo de severas baixas. A vitória pertencia não a quem se poupasse mais, mas a quem estivesse mais disposto a sangrar e continuar avançando (Howard, 2003, p. 65). Eis, em poucas palavras, a fórmula da catástrofe da Primeira Guerra Mundial.

Segundo Howard (idem, p. 65-67), essa situação se tornou mais desafiadora com os desenvolvimentos tecnológicos das décadas de 1880/90, que levaram à substituição da pólvora negra pelo alto explosivo como propelente das munições, o que modificou o alcance e a precisão das armas. O tamanho do campo de batalha cresceu, assim, de alguns quilômetros nos tempos de Napoleão para centenas de quilômetros em fins do XIX. E, com exceção do motor à gasolina, esses desenvolvimentos favoreceram a defesa, pois “aumentaram o volume, alcance e precisão do fogo, e a pólvora sem fumaça dificultou a localização do atirador. Isso colocou o combatente avançado sobre o terreno aberto em tremenda desvantagem, comparado ao combatente em posições de defesa preparadas” (ibidem, p. 33-34). E como se isso tudo não bastasse, o advento da metralhadora aumentou ainda mais a letalidade da barragem defensiva. Segundo Keegan (2000, p. 215-216), essa invenção colocava à disposição de um só homem o poder de fogo antes disparado por quarenta: “(...) um bom atirador, com um fuzil nas mãos, apenas podia disparar 15 tiros por

minuto, contra os seiscentos de um metralhador”. Diante desse quadro, o então Coronel (mais tarde Marechal) Ferdinand Foch, em uma palestra na Escola de Guerra Francesa, em 1900, afirmou:

O fogo é o argumento supremo. As tropas mais entusiasmadas, aquelas cujo moral foi espicaçado ao máximo, desejarão sempre conquistar terreno por avanços sucessivos. Mas enfrentarão grandes dificuldades e sofrerão consideráveis perdas sempre que suas ofensivas parciais não forem preparadas com fogo pesado. Serão rechaçadas na linha de partida, com perdas ainda maiores. A superioridade do fogo (...) se transforma no elemento mais importante do poder de combate da infantaria (apud Paret, 2003, p. 68).

Mas esse poder de fogo não contava com a mobilidade necessária para servir ao ataque, tampouco meios de comando e controle adequados às novas circunstâncias, circunstâncias estas que inviabilizavam às forças atacantes condições mínimas para cruzarem o campo de batalha sob o fogo cruzado de metralhadoras, morteiros, canhões e rifles inimigos.

Foi o Estado-Maior alemão o pioneiro na tentativa de solucionar o problema, a partir de alterações radicais na concepção ofensiva. Depois de reveses sofridos no início da guerra Franco-Prussiana, os alemães modificaram as doutrinas da infantaria, vigentes desde Waterloo. Diferente das clássicas concepções de emprego compacto, a infantaria deveria, segundo Alfred von Schlieffen (o principal defensor das inovações), avançar de modo disperso para minimizar baixas, sem atacar frontalmente, e desbordar os flanco do inimigo até que o seu aniquilamento fosse possível. Concepção também adotada pelos franceses a partir de 1875, mas que sofreu forte oposição em todos os exércitos e não resistiu por muito tempo nos manuais. Segundo Howard (2003, p. 69):

Não apenas houve o sentimento generalizado de que evitar o ataque à baioneta não era ‘viril’ (...); mais especificamente, houve bem fundamentada incerteza se a infantaria, dispersa e contando com seus próprios recursos, não aproveitaria a ocasião para ‘se perder’: jogar-se ao terreno e não levantar mais (...). Nos campos de batalha mais amplos, que o novo armamento tornara possível, e ante a ameaça invisível que ele agora representava, tal comportamento, em exércitos constituídos em sua maior parte de recrutas com pouco tempo de serviço, ameaçava tornar-se a regra, não a exceção.

Assim, a dificuldade em manter a coesão da infantaria durante o combate impôs uma revisão da solução proposta por Schlieffen, e muitos passaram à defesa inflexível da superioridade moral como única forma de enfrentar o problema.

Ato contínuo, dois conflitos ofereceram demonstrações práticas para alimentar o debate: a Guerra dos Bôeres (1899) e a Guerra Russo-Japonesa (1904-05).

O conflito entre ingleses e bôeres no Transvaal – onde as forças britânicas, atacando compactas, foram dizimadas – legou uma série de modificações radicais nos manuais europeus, semelhantes às propostas por Schlieffen: dispersão da infantaria e maior iniciativa aos oficiais de menor escalão. Segundo um observador, “formações cerradas sob fogo eram agora impossíveis.” (idem, p. 73). As medidas tomadas pelos ingleses contra os bôeres entrincheirados significaram para muitos que o ataque frontal estava condenado, o que acabou culminando no abandono de velhas ideias. A infantaria passou a ser treinada no sentido de apreciar o valor da pontaria individual e mais enfoque foi dado aos valores individuais do soldado (Messenger, 1978, p. 12). Embora manter a tropa dispersa e, ao mesmo tempo, sob controle fosse um desafio para os oficiais, os proponentes dessas modificações alegavam, contra os defensores do ataque frontal baseado na coesão das fileiras, que as baixas severas que as levas densas de homens sofreriam diante do fogo defensivo seriam também um golpe decisivo no moral.

A esta altura, os manuais alemães já estavam alterados pelas ideias de Schlieffen, que enfatizavam o envolvimento do adversário em detrimento dos ataques frontais. Por sua vez, os manuais franceses seguiram os ingleses e adotaram táticas de progressão em pequenos grupos, aproveitando ao máximo o terreno, com ação coordenada entre fogo e movimento de modo que cada leva em progressão estivesse sob fogo de cobertura da leva seguinte. Além disso, foi estabelecida a necessidade de dar iniciativa aos escalões mais baixos da cadeia de comando, oferecendo maior velocidade e maximizando as chances de êxito.

Essas modificações, todavia, duraram pouco. Elas encontraram forte resistência de quadros conservadores dentro da instituição militar, que alegavam que a dispersão das tropas privava os comandantes do controle sobre os recursos materiais e humanos disponíveis, dificultando resultados decisivos para as ações ofensivas. Resistência que ainda foi fortalecida pelo impacto dos ataques japoneses contra as posições russas na guerra russo-japonesa (1904-05)⁴, que foram interpretados como favoráveis à aposta no moral para sobrepujar as defesas, devolvendo aos advogados do ataque concentrado as rédeas dos manuais sob o velho argumento de que somente ataques frontais poderiam resultar em alguma decisão.

⁴ Nessa guerra já estavam à disposição de Japão e Rússia todas as inovações que estariam nas batalhas de 1914, à exceção do avião.

A principal lição que os observadores europeus tiraram da Guerra Russo-Japonesa foi que, a despeito de todas as vantagens que o novo armamento conferia às defesas, a ofensiva ainda era totalmente possível. Os japoneses assumiram de imediato e vitoriosamente a iniciativa e, com uma série de ataques cuidadosamente planejados e executados, expulsaram as forças russas, ligeiramente maiores em efetivo do sul da Mongólia. O custo foi bem alto, mas, com ele, o Japão graduou-se como grande potência; e qualquer nação que desejasse continuar sendo grande potência, observaram os comentaristas europeus, teria que estar preparada para arcar com custos comparáveis (Howard, 2003, p. 75).

E não era apenas o moral do combatente que estava em questão, ou mesmo do exército, mas o moral da nação, que se faria sentir presente na batalha. Uma observação de um soldado inglês traduziu bem essa compreensão da guerra, que viria a transformá-la no fenômeno total da primeira metade do século XX:

A guerra é essencialmente o triunfo, não das armas com ferrolho sobre as carregadas pelo cano, não de linhas de homens entrincheirados por trás de emaranhados de arame farpado sobre aqueles expostos em campo aberto, mas de uma vontade sobre vontade mais fraca (...) a melhor defesa para um país é um exército formado, treinado e inspirado pela ideia do ataque (Hamilton apud Howard, 2003, p. 80).

A Primeira Guerra seria o grande e definitivo laboratório para a observação das novas condições do campo de batalha. Disputada entre as maiores potências do mundo, ela começou com entusiasmo e expectativas de vitórias rápidas (como toda guerra).

2. NAS TRINCHEIRAS

Dez anos depois da guerra russo-japonesa, a Europa estava imersa na Primeira Guerra Mundial. Se na Frente Oriental⁵ o conflito foi travado com grande mobilidade, na Frente Ocidental os combates rapidamente assumiram feições atípicas, levando as esperanças de uma guerra curta a se dissiparem ao longo das infundáveis linhas de trincheiras, que se estendiam da fronteira da franco-suíça ao Canal da Mancha.

As trincheiras consistiam em posições fixas no terreno, bem defendidas e abastecidas por um sistema logístico e operacional no *front*, à frente do qual estavam as tropas, lançadas em tentativas de romper a linha inimiga. O poder

⁵ Nessa Frente, vastas extensões de terra e a assimetria entre os exércitos alemão e russo, que vivia um processo de desintegração em meio à Revolução, facilitaram as manobras de envolvimento alemãs.

devastador das defesas, no entanto, frustrava sistematicamente essas tentativas, ceifando milhares de homens em velocidade sem precedentes e impondo, assim, o recuo da infantaria assaltante antes que o rompimento fosse obtido (Morais, 2014).

Em seguida ao fracasso do plano Schlieffen, ratificado pelo recuo alemão depois da vitória francesa no Marne, os dois lados passaram a manobras contra os flancos do inimigo, resultando na “corrida para o mar”, uma vez que os ataques frontais cobravam um preço elevado sem resultados satisfatórios. Embora houvesse muita insatisfação com o *status quo* após a Batalha do Marne, todos passaram a aprimorar suas posições defensivas, na falta de saídas melhores, e as trincheiras logo se converteram na moradia de milhões de homens na Frente Ocidental – para muitos, a última. Transcrevendo Marc Ferro (1969, p. 82): “No Natal de 1914, vários milhões de combatentes ficaram totalmente surpreendidos por se encontrarem imobilizados e, ainda que parecesse um paradoxo, eram forçados a enterrar-se para sobreviver”.

Além da dificuldade na obtenção da ruptura, havia problemas para explorá-la, devido à baixa mobilidade. A barragem de fogo no caminho da infantaria aumentara exponencialmente, alterando a variável “tempo” de forma sensível contra o ataque. Nessas circunstâncias tão inóspitas aos homens, a necessidade de obter mais mobilidade (e mais poder de fogo coordenado) se tornou um dos maiores objetos de reflexão, bem como a necessidade de meios de comunicação melhores.

À medida que a infantaria não correspondia ao que se esperava dela, a guerra foi intensificando-se como um confronto de artilharias. De início, como se acreditava que o conflito seria breve, não foram tomadas providências adequadas para o abastecimento, culminando em uma crise de munições, sintoma bizarro da falta de controle sobre a estratégia. Os planos iniciais haviam falhado e agora milhões de homens defrontavam-se sem saber ao certo como alcançar alguma decisão.

Entregue aos canhões, o conflito passou a ser protagonizado por uma série de ataques inócuos antecidos por bombardeios que chegavam a durar dias antes da investida da infantaria. Mas a artilharia não se mostrou capaz de abalar decisivamente as linhas inimigas porque foram desenvolvidos sistemas de defesa em profundidade que permitiam o emprego inteligente das reservas nos pontos críticos da linha, sinalizados justamente pelo canhoneio. Este, ainda que causasse consideráveis estragos, não se mostrou capaz de ser decisivo em neutralizar a resistência do outro lado, cujas tropas enfrentavam as salvas de artilharia abrigadas em fortificações subterrâneas para, depois, emergirem em condições de deter a infantaria inimiga. O único efeito realmente digno de nota

desses bombardeios pareceu, por muito tempo, ser apenas a negação da surpresa ao ataque. A situação posta demandava novas ideias.

No sentido de resolver o problema, um passo importante foi o surgimento dos engenhos blindados, lançados pelos britânicos na Batalha do Somme, em 1916. Capazes de suprimir o fogo defensivo, a missão original dos carros era dar cobertura à infantaria, devendo avançar apenas o suficiente para romper as linhas inimigas abrindo a brecha que deveria, então, ser conquistada pela infantaria e explorada pela cavalaria. Embora as experiências de 1916 tenham sido insatisfatórias, a partir do ano seguinte, usados de forma mais concentrada, os blindados romperam as defesas alemãs em Cambrai e noutras batalhas de 1917/18 (Louro, 2011, p. 30), e, já durante essas ocasiões, alguns oficiais postularam o emprego concentrado, que resultou em algumas experiências que não foram adiante por diminuírem o papel da infantaria (Morais, 2014).

Na dimensão tática/operacional, as mudanças mais sensíveis foram com relação à artilharia. A partir da primavera de 1918, as táticas alemãs sofreram modificações que aumentaram a precisão dos disparos, tornando desnecessários os bombardeios longos, e as salvas passaram a ocorrer de modo intermitente, para confundir o inimigo quanto ao começo do avanço da infantaria. Os alemães também criaram postos de comando para a artilharia nos níveis de corpo-de-exército e superiores, resultando em uma coordenação sem precedentes, além do aumento do moral da infantaria (Hogg, 1977, p. 26).

Iniciado o avanço, as táticas da infantaria também passaram por modificações, substituindo o avanço linear por unidades de assalto treinadas para infiltrar nas linhas inimigas, evitando o atrito, e a deliberação de iniciativa aos oficiais de menor patente dispensava ordens superiores para a exploração de oportunidades. Estava em curso, assim, a adoção de algo muito similar às propostas de Schlieffen anteriores à guerra. O novo modelo também previa ações para desorganizar a retaguarda inimiga, e, após a artilharia atacar a logística do inimigo, a infantaria, agora em face de um adversário recuando em desordem, também devia atacar posições na retaguarda, causando pânico e confusão.

Apesar de alcançada a ruptura nas primeiras linhas, no nível estratégico, tanto os blindados, quanto essas táticas não surtiram o efeito desejado, uma vez que a falta de mobilidade e de combinação entre as armas inviabilizou a devida exploração do êxito. Assim, ao longo da primavera de 1918, o Exército alemão atingiu algumas vitórias, sem conseguir, no entanto, transformá-las em qualquer resultado decisivo estrategicamente.

Não obstante os resultados insatisfatórios em 1918, encontramos nesses avanços as raízes da *blitzkrieg*. A revolução tática de 1918 foi o prenúncio de uma nova forma de combate, que faria das trincheiras não a “nova realidade da

guerra”, como muitos arguíam, mas uma lembrança amarga na memória da Europa e um capítulo estranho na história das guerras (Morais, 2014).

3. LEGADO DAS TRINCHEIRAS

Com a experiência de 1914-18, a guerra adquiriu uma nova dimensão. Após o término do conflito, reflexões sobre o recém-criado poder aéreo foram intensas e se dividiram, basicamente, em duas vertentes: emprego estratégico e emprego tático. Giulio Douhet, um dos proeminentes defensores do emprego estratégico, argumentava que uma frota de bombardeiros seria capaz, por si só, de vencer guerras, representando, assim, a extensão mais limítrofe da “guerra total”, ao elencar como alvo prioritário o moral da população do inimigo. Ademais, a doutrina também visava a “interdição” no campo de batalha, isto é, o ataque concentrado a unidades inimigas, à semelhança de 1918, com controle centralizado, fora do alcance dos oficiais em terra (House, 2008, p. 88). A força aérea, segundo essa concepção, portanto, era uma arma independente e com potencial de decisão estratégica.

Paralelamente, estavam os defensores do emprego tático, que entendiam que o avião significava mais flexibilidade no campo de batalha, sendo capaz de concentrar poder de fogo rapidamente em pontos críticos, e deveria, por isso, estar à disposição dos comandos em terra. Os defensores do emprego tático também levavam em consideração os aspectos psicológicos e argumentavam que a supremacia aérea sobre o campo de batalha tinha efeito devastador sobre as tropas inimigas desprotegidas, o que a próxima guerra revelaria ser verdade, sobretudo após o advento do bombardeiro de mergulho.

No tocante à motomecanização, concepções conservadoras sobre o emprego dos carros de combate se tornaram hegemônicas após a guerra, reservando a eles o papel de apoio à infantaria. Nesse sentido, eles foram considerados a solução para o problema da falta de mobilidade, sem, no entanto, a devida compreensão daquilo que seu emprego poderia entregar. Assim, foram poucos os que atentaram para a necessidade de formar unidades blindadas e dar a elas o protagonismo nas operações ofensivas. Ao contrário das concepções dominantes, estes colocavam o carro de combate em destaque, de modo que as demais armas passavam a ter funções complementares e auxiliares no exercício da ruptura e exploração.

O Exército britânico, pioneiro no uso dos carros, ao fim da guerra dispunha de milhares deles e de pessoal treinado e experimentado em seu emprego. Mas uma série de fatores políticos, sociais e organizacionais acabariam impedindo o

desenvolvimento de uma força mecanizada. Após a guerra, a Grã-Bretanha, protegida por sua condição insular, voltou a tomar distância dos problemas europeus e deu prioridade à estratégia naval, à política colonial e à construção de um poder aéreo estratégico, preterindo o exército no tocante aos recursos da defesa. O governo lidava também com o sentimento antibelicista do povo britânico, impactado pela carnificina das trincheiras, e, por óbvio, esse sentimento era favorecido pela condição insular do país, uma fortaleza natural.

Situação bastante diferente era a da França, com sua fronteira com a Alemanha. Por esta razão, o general De Gaulle trabalhou pela criação de unidades blindadas. Em seu livro, *Vers l'Armée pour Métier*⁶, ele argumenta que as defesas francesas não eram adequadas às ameaças que estavam sendo desenvolvidas do outro lado da fronteira, e defendeu a criação de um “exército de choque” mecanizado, em sua maioria composto por divisões blindadas, amparado por doutrinas focadas na mobilidade (Gaulle, 1979, p. 26-29). Seu livro foi amplamente lido pelos alemães: “Está fora de dúvida a influência exercida pelo livro de De Gaulle sobre a organização do *Panzerkorps*⁷ germânico. Bem expressiva é, a esse respeito, a extraordinária semelhança entre a ‘divisão blindada’ proposta em 1933 por De Gaulle e a ‘*Panzerdivisionen*⁸ modelo 1935” (Berquo apud Gaulle, 1996, p. 18).

Entretanto, o Alto Comando francês preferiu apostar em um ideal estratégico que se mostraria equivocado em 1940, dando ênfase à defesa estática, legado das impressões deixadas pela Primeira Guerra. Ademais, semelhante ao que ocorria do outro lado do Canal, o público francês (ainda mais brutalizado pela guerra, travada em seu território) também se mostrava pouco receptivo às políticas de defesa, muito embora houvesse, neste caso, um fator que contrabalançava a tendência antibelicista deixada pelos horrores da Grande Guerra: a histórica ameaça alemã. Fundamentando-se nessa ameaça, o governo francês conseguiu destinar grandes somas à defesa, mas esse esforço foi mal aplicado na construção de um sistema de fortificações na fronteira, a Linha Maginot.

No Leste, a Rússia também apostou em carros durante a Guerra, mas limitações orçamentárias e organizacionais contribuíram para prejudicar o seu desenvolvimento. Durante a década de 1920, sob a vigência do Tratado de Rapallo⁹, o Exército russo se modernizou e realizou exercícios com desembarques aéreos, paraquedistas e manobras de grandes formações

⁶ “Por um exército profissional”.

⁷ “Corpo blindado”.

⁸ “Divisão blindada”.

⁹ Tratado de cooperação entre União Soviética e Alemanha.

blindadas criadas com os protótipos *Christie* comprados de um projetista americano, em 1931 (Alves, 1964, p. 203). Dessas experiências, os soviéticos concluíram a favor da concentração dos blindados em grandes unidades, a fim de evitar a dispersão e a conseqüente perda do poder de choque. Mas Tukhachevsky, general que liderava o processo de mecanização, pereceu nos expurgos stalinistas e o processo foi condenado ao ostracismo (Glantz e House, 2009, p. 42). As conseqüências desse fato viriam em 1940, durante o conflito com a Finlândia, que somente foi derrotada após o emprego maciço de reforços. Só a partir daí, os corpos mecanizados seriam novamente desenvolvidos e encontraram-se ainda em estágio incipiente quando da invasão alemã, em 22 de junho de 1941.

Por sua vez, a Alemanha vivia desde a unificação um dilema estratégico de enorme complexidade. Posicionada no centro da Europa, a jovem nação representava uma ameaça ao equilíbrio de poder entre as velhas potências e disparou o gatilho da Primeira Guerra. Após a derrota em 1918, o Estado-Maior alemão trabalhou para produzir doutrinas capazes de, no futuro, alcançar vitórias rápidas, orientação que combinou com as ambições de Hitler. Esse contexto ajuda a explicar o porquê do pioneirismo alemão nos novos métodos – ainda que também possamos identificar dificuldades institucionais para a assimilação dos engenhos blindados no Exército alemão, uma tendência (de conservação e refração à inovação) normal nas instituições, sobretudo as militares.

A Alemanha saíra atrás na corrida por blindados e não apostou seriamente neles durante a Primeira Guerra. Muito confiantes nas qualidades tradicionais de seu exército, os alemães não deram atenção aos projetos apresentados no início da guerra e somente após a Batalha do Somme o Ministério da Guerra tomou a providência de solicitar o estudo da questão e a produção de um protótipo, que resultou no A7V (Alves, 1964, p. 167). De modo geral, os blindados foram inexpressivos para o esforço alemão, uma vez que o Estado-Maior tardou para iniciar seu emprego, inclusive porque, quando começou a trabalhar no assunto, a escassez de recursos inviabilizou qualquer experimentação significativa. Deste modo, em contraste com o largo emprego de carros pelos franceses e ingleses, os alemães conseguiram lançar só 45 deles, em apenas doze engagements registrados durante a fase final da guerra.

A importância deles, porém, não passou despercebida. Assim escreveu o general Ludendorff ao Chanceler: “Até 8 de agosto a situação foi tolerável, mas desde esta data, o emprego por parte do inimigo de tanks em enormes quantidades destruiu sete divisões.”. Outro oficial, o Coronel Kruger, escreveu após a guerra que os grandes êxitos obtidos pelos franceses e ingleses em 1918 foram conseqüência do emprego correto dos carros de combate em grandes

formações, enquanto os alemães apenas conseguiram empregar algumas dezenas. Fazendo valer a máxima de Churchill, segundo a qual “a derrota ensina mais que a vitória”, os alemães transformariam tais experiências e impressões em um intenso aprendizado no decorrer das duas décadas seguintes (Alves, 1964, p. 175). Paradoxalmente, as restrições de Versalhes estimularam um ambiente fértil à inovação ao precipitarem a reformulação em grande escala das Forças Armadas alemãs.

Em face da limitação a cem mil homens imposta pelo Tratado de Versalhes, o comandante da força terrestre alemã, Hans von Seeckt, apostou nos oficiais do Estado-Maior em detrimento dos veteranos, orientação que visava o preparo intelectual e a formação dos futuros líderes do Exército alemão. Estes oficiais, adestrados para decidir no calor da ação, deveriam ser capazes de não apenas cumprir ordens, mas de adaptá-las às condições da batalha. Ou seja, as ordens superiores deveriam ser cumpridas, mas a forma de sua execução era de escolha pessoal e aberta à discussão em qualquer nível de comando, o que estimulava a reflexão sobre questões táticas e até estratégicas na mentalidade dos oficiais de todas as patentes (e dos suboficiais, equivalentes aos sargentos na maioria dos exércitos). A consequência foi uma estrutura de comando mais dinâmica e livre das amarras hierárquicas que antagonizam com o ritmo necessário à guerra mecanizada.

Guiados por esses princípios, os alemães conduziram uma análise sistemática da Primeira Guerra. Junto deste esforço teórico, desenvolveram, em cooperação com os russos, tudo que lhes era vetado, inclusive divisões blindadas, treinadas com veículos improvisados, como tratores, caminhões e até bicicletas.

Em seu livro, lançado em 1937, o general Guderian apresenta a mecanização alemã e critica o conservadorismo a ser superado para modernizar o exército.

Muitas autoridades consideram-se ‘avançadas’ quando terminam por reconhecer o valor das novas armas que apareceram depois do fim da guerra como ‘complementares’ às antigas. Essa é uma ideia estreita e negativa. De fato, essas pessoas são incapazes de se livrar das lembranças da guerra de posição, as quais persistem em considerar a forma de combater no futuro e são também incapazes de agir no sentido de apostar em uma decisão rápida. Em particular, não vêem o futuro que se abre com pleno aproveitamento do motor de combustão interna. É um gosto pela inércia, para não dizer preguiça, que caracteriza aqueles que protestam contra as inovações revolucionárias que estão acontecendo, exigindo novos esforços por meio de inteligência, esforço físico e decisão. É por isso que ouvimos afirmações correntes de que as armas motorizadas e mecanizadas não representam nada de novo ou revolucionário e comentários

taxativos nas fileiras de que a 'única' oportunidade de sucesso delas veio e se foi em 1918, quando tiveram seu dia, e que devemos nos contentar em permanecer na defensiva. Poderíamos citar outros registros igualmente presunçosos e negativos. Contudo, os fatos mostram de outra maneira (Guderian, 2009, p. 29).

Embora tenham sofrido resistência, os defensores da mecanização contaram, a partir de 1933, com o total apoio de Hitler. Além disso, a sociedade alemã vivia um clima de revanchismo potencializado pelas duras medidas aplicadas contra o país, que alimentaram o belicismo traduzido nos diversos grupos paramilitares que proliferavam e constituiriam a massa crítica do movimento nazista. As demandas principais desses movimentos eram o rearmamento e a rejeição ao Tratado de Versalhes, e seriam plenamente alcançadas sob o Terceiro Reich.

4. BLITZKRIEG

Em poucas linhas, a *blitzkrieg* funciona, inicialmente, por meio de uma série de incursões de reconhecimento para identificar os pontos fracos da frente inimiga. Quando tais pontos estão claros, é iniciada a investida principal, realizada com todos os meios disponíveis, liderada por forças mecanizadas. Por isso, se um ataque era rechaçado, as forças alemãs não insistiam, recuavam, e não procuravam forçar a passagem, para então se reagruparem e atacarem onde fosse mais conveniente. A doutrina se baseia no fogo concentrado e pontual, dentro de uma concepção de mobilidade inerente à operação como um todo, e o ataque deve ser lançado com apoio da aviação e artilharia visando alvos tanto materiais quanto psicológicos. Na última fase, as divisões de infantaria que não tomaram parte no rompimento ocupam as posições deixadas pelo avanço das vanguardas, aproveitando a confusão do inimigo para cercá-lo, permitindo às unidades avançadas manterem o ímpeto ofensivo. Segundo o próprio Guderian (2009, p. 172):

Um ataque bem-sucedido pode trazer vitória rápida que ganha maior dimensão pela extensão e pela profundidade; as reservas inimigas, e, o mais importante, suas unidades motorizadas ou mesmo blindadas, podem chegar muito tarde à batalha. Aqui estava a solução para o até agora persistente problema de como explorar o êxito de um ataque. A ruptura e a perseguição tornavam-se uma possibilidade real, e a guerra poderia assumir ou manter suas características de guerra de movimento. As forças blindadas poderiam ganhar apenas importância local e tática no

combate, mas importância que se estendesse à esfera operacional de todo teatro de guerra.

Além da qualidade dos fundamentos, o sucesso da doutrina também se deve à capacidade e ao treinamento das tropas. A infantaria foi capaz de avanços que chegaram à média de 25/30 quilômetros por dia – marchas de 50 km/dia foram frequentes durante os primeiros estágios da campanha da Rússia (Gibelli, 1966, Vol. I, p. 88). A artilharia atuava de forma preponderante na preparação e no apoio, realizando concentrações de fogo breves, mas extremamente violentas. Durante a operação, as tropas continuavam contando com o apoio dos canhões, orientados pelo reconhecimento aéreo aproximado. A cavalaria se mostrou muito útil nas missões de reconhecimento e perseguição, e a engenharia permitiu a travessia dos rios, integrando pelotões de assalto e utilizando lança-chamas e explosivos de demolição contra as posições fortificadas. A força aérea atacou as tropas inimigas, ajudou nos ajustes do tiro da artilharia, abasteceu as unidades avançadas e lançou paraquedistas atrás das linhas inimigas, além de ter atuado também no reconhecimento e exploração.¹⁰ Por fim, aos blindados foi reservado o protagonismo. As divisões *panzer* funcionavam como um exército completo, possuindo suas próprias baterias antiaéreas, unidades de engenharia, comunicações, infantaria para acompanhar os carros etc. Longe de serem uma força auxiliar, deveriam liderar o ataque e participar de todas as fases da batalha, enquanto houvesse terreno para avançar. Nas operações de rompimento os carros de combate foram sempre empregados em massa.

Assim, os alemães tinham, sem dúvida, uma enorme vantagem operacional nos primeiros anos da guerra.

Pouco do que eles tentaram falhou. A vitória na Polônia iniciou a série. A Escandinávia seria o próximo cenário de uma operação alemã decisiva, enquanto o drama do Caso Amarelo¹¹ roubaria a cena. A arremetida dos Panzers pelo noroeste da França foi a mais espetacular manobra militar desde os dias de Napoleão. A lenda do África Korps no deserto ocidental, o desembarque aerotransportado na ilha de Creta, a épica Operação Barbarossa (...) – uma impressionante e, alguns poderiam dizer, incomparável lista (Citino, 2004, p. 36. Tradução minha).

4.1. Polônia: batismo de fogo

¹⁰ O conceito de operações combinadas com a aviação levou a Força Aérea alemã ao extremo de colocar aviões diretamente à disposição do exército.

¹¹ Nome código do plano alemão de ataque à França.

À luz da visão retrospectiva, o Exército polonês pode parecer frágil e impotente diante da invasão alemã. Entretanto, àquela época, a Polônia era respeitada como a 5ª potência militar do mundo. Segundo a percepção militar dominante em 1939, norteadas pela experiência de 1914-18, os poloneses, que contavam com diversas fortificações na fronteira com a Alemanha, não pareciam em desvantagem tão expressiva frente aos alemães.

O segredo da rápida vitória alemã estava nas quatro divisões motorizadas e, principalmente, nas sete divisões blindadas (panzer) à disposição da *Wehrmacht*, além de outras quatro divisões ligeiras, que, sob a nova doutrina, davam às tropas de Hitler uma capacidade ofensiva até então desconhecida na história da guerra (Gibelli, 1966, Vol. I, p. 12).

Em contrapartida a esse poder móvel e blindado, os poloneses estavam equipados apenas com duas brigadas motorizadas, uma companhia blindada por cada brigada de cavalaria e agrupamentos de carros de combate, com 11 batalhões no total. A oposição das ordens de batalha dos dois exércitos foi a ilustração perfeita do debate das décadas de 1920/30. Os exércitos europeus, à exceção do alemão, ainda consideravam em 1939 que os blindados deveriam apoiar a infantaria, o que resultou na criação de apenas unidades leves e dispersas de carros de combate subordinadas ao comando de generais de infantaria, e o Exército polonês não fugiu a essa regra. Do outro lado, a ordem de batalha alemã enfatizava unidades mecanizadas na linha de frente dotadas de uma enorme concentração de blindados. Assim, enquanto os poloneses foram para a batalha apostando nas velhas armas (infantaria e cavalaria), os alemães apostaram em suas divisões encouraçadas para liderarem o ataque, sustentadas por intensa combinação de armas e dispostas ao longo de duas frentes visando uma manobra de envolvimento com duas “pinças” concêntricas que se tornaria o padrão da *blitzkrieg* (Morais, 2014).

As duas “pinças” alemãs estavam voltadas para Varsóvia, visando o cerco das divisões polonesas a oeste da capital. Os poloneses ofereceram grande resistência em alguns pontos, mas inútil contra a mobilidade das tropas alemãs. Após o envolvimento dos poloneses a oeste do Vístula, em 8 de setembro os primeiros blindados alemães, da 1ª Divisão *Panzer*, entraram na capital, e, ao final da segunda semana, o esforço de guerra polonês estava derrotado – o “tiro de misericórdia” ainda foi dado pela invasão soviética no leste do país, no dia 17, cumprindo a cláusula secreta do Tratado de Não-Agressão de 23 de agosto assinado com a Alemanha.

Não obstante o amplo sucesso dos alemães, algumas lições foram tiradas dessa campanha. Logo nas primeiras fases, os alemães tiveram alguns problemas decorrentes da rapidez do seu próprio avanço. Ironicamente, no

primeiro dia, as forças de Guderian foram recebidas por fogo das baterias pesadas alemãs, problema que logo foi corrigido, e chamava a atenção para a surpreendente velocidade das divisões blindadas. Em muitas ocasiões, o avanço seria tão rápido que as unidades da vanguarda teriam que parar e aguardar a aproximação da infantaria, a fim de evitar exposição a contra-ataques. Essa cooperação com a infantaria permaneceria uma das chaves para o sucesso da *blitzkrieg* ao longo da guerra, a partir de uma clara inversão da concepção dominante sobre a relação entre homens e blindados (Morais, 2014).

Outra importante lição foi quanto ao emprego direto dos carros. Os alemães sofreram grandes baixas de blindados quando os empregaram em localidades urbanas, onde não dispõem do espaço aberto necessário para manobrar. Amontoados em estreitas vias públicas e cercados por altos prédios, são alvos fáceis para a infantaria inimiga e têm a comunicação com outras armas, como a aviação e a artilharia, dificultado, além de terem seus principais recursos (mobilidade e alcance do poder de fogo) praticamente neutralizados no cenário urbano. As cidades são armadilhas para os blindados, lição que ainda teria vez em diversas ocasiões naquela guerra e noutras (Macksey, 1974, p. 21).

O emprego combinado das forças em terra com a força aérea também revelou ser um grande sucesso. A cooperação entre carros e bombardeiros de mergulho funcionou muito bem, e a supremacia aérea conquistada pelos alemães foi essencial ao sucesso das operações. Sem apoio aéreo, muito concentradas e pouco móveis, as forças polonesas se tornaram presas fáceis para os bombardeiros de mergulho da força aérea alemã, que, além de funcionarem como artilharia móvel e avançada, eliminando as defesas mais pesadas que os blindados alemães pudessem encontrar pelo caminho, tinham notável impacto psicológico sobre o inimigo, fazendo-o se sentir desprotegido e à mercê do adversário, perdendo rapidamente o moral para resistir (idem, p. 23-24).

As lições sobre a cooperação entre a infantaria e os blindados não serviram apenas para o aprendizado destes últimos. A infantaria motorizada alemã, quase toda desprovida de veículos de transporte blindados, sofreu pesadas baixas nos primeiros dias ao tentar suprimir o fogo de canhões diretamente, e logo aprendeu a ter mais cautela e a evitar o fogo pesado direto das defesas antes que fossem neutralizadas pelos carros de combate ou bombardeiros de mergulho.

A vitória na Polônia foi a realização da supremacia de um modelo operacional sobre outro. As virtudes desse modelo seriam expostas de forma ainda mais categórica nas campanhas seguintes, que incluem até mesmo uma vitória alemã sobre os ingleses em seu “quintal”, o Mar do Norte, no entorno da

Escandinávia. Mas seria a campanha sobre a França, considerada a maior potência europeia, que consolidaria a superioridade dos métodos alemães.

4.2. França: “a vitória mais fácil da História”

A queda da França é considerada um dos eventos militares mais dramáticos de todos os tempos, que Liddel Hart (apud Williams, 1974) chegou a definir como “a mais fácil vitória da História”. Em 10 de maio de 1940, tropas alemãs avançaram e, em apenas seis semanas, uma suástica tremulava no topo da Torre Eiffel. Observadores em todo o mundo ficaram atônitos com a velocidade da vitória alemã. O seu “segredo” já fora demonstrado na Polônia e na Escandinávia, porém, aqueles sucessos foram, em alguma medida, diminuídos pelo despreparo dos oponentes da Alemanha. Mas a rápida derrota do Exército francês não deu margem a subterfúgios e enterrou de vez as doutrinas herdadas da “guerra de posição”.

Apesar do sucesso, muitos generais alemães ainda não confiavam inteiramente na nova arma *panzer*, e tinham o Exército francês em altíssima conta. Por isso, nos planejamentos iniciais o esforço principal seria através da Bélgica e da Holanda, como em 1914. As discussões em torno do plano tornaram-se, todavia, mais complexas após a insistência do general Eric von Manstein para que a investida principal fosse através das Ardenas, setor considerado seguro pelo Alto Comando francês (intransponível para blindados, segundo o Marechal Pétain) e, por essa razão, pouco defendido. O elemento distintivo do plano era o emprego de sete divisões *panzer*, de um total de dez, na ruptura da frente na região das Ardenas. A essência do ardil era atrair as forças aliadas para uma armadilha na Bélgica, apostando na predisposição dos seus comandos para acreditar em um ataque alemão análogo ao de 1914 – afinal, era para “essa” guerra que estavam preparados. Uma vez atraídas para a Bélgica, deveriam ser cortadas de suas linhas de suprimento e cercadas pelo avanço em sua retaguarda, através das Ardenas, em direção do Canal da Mancha. Não foi por acaso que o plano recebeu o apelido de “corte da foice”, pois era esse o movimento dos *panzer* alemães das Ardenas ao Canal.

Em apenas 24 horas de ataque, as forças do 9º Exército francês, que cobria o setor das Ardenas, foram dominadas em Sedan e, ao final da primeira semana, com os principais objetivos alcançados, os alemães rumavam praticamente sem oposição para o Canal, isolando as principais unidades aliadas na Bélgica de suas reservas e linhas de comunicação. Em seguida, coube à

infantaria alemã a tarefa de envolver as unidades aliadas surpreendidas pelo avanço dos *panzers*, enquanto estes avançavam para o Canal.

Mais surpreendente que a rendição francesa em seis semanas foi a rapidez muito maior com a qual os alemães conseguiram a decisão estratégica na campanha. No dia 15 de maio, apenas cinco dias após a invasão, o Primeiro Ministro britânico, Winston Churchill (completando também seu quinto dia no cargo), foi acordado por Paul Reynaud, que, desesperado, acusou a derrota (Cartier, 1967, p. 81).

A França foi derrotada ao apostar em doutrinas que se mostraram ineficazes na guerra mecanizada. O governo escolheu investir quase todo o orçamento para a defesa do país na Linha Maginot e, apesar de ter encomendado muitos blindados às fábricas, ignorou a necessidade do desenvolvimento de divisões blindadas, imprescindíveis ao tipo de sistema móvel de defesa que poderia ter detido os alemães. Uma vez diante da Linha Maginot, os alemães fizeram a volta e surpreenderam os franceses, despreparados atrás de sua muralha. Neste caso, também, a vitória alemã não deve ser creditada à superioridade material:

A ninguém é lícito atribuir a vitória germânica a uma superioridade avassaladora de suas forças. A Alemanha não mobilizou tantos homens quanto os seus adversários (...). É verdade que os alemães conseguiram formar e equipar maior número de divisões que os franceses, mas, em relação a seus adversários todos, no Ocidente, não levava qualquer vantagem, numericamente falando. O que, afinal, não tinha grande importância, pois a questão na realidade foi decidida pela performance de uma elite de oito por cento do seu exército – as dez divisões blindadas – as *Panzerdivisionen* – antes que o grosso de suas forças armadas tivesse entrado em ação. (...) Superestimou-se muito o volume de blindados alemães, na época. (...) Os franceses tinham muito mais tanques, mas não eram tão móveis e a maior parte deles espalhava-se em pequenos grupos, e não se concentrava para um ataque poderoso. Os generais franceses ainda se apegavam à ideia corrente em 1918, de que os tanques eram auxiliares da infantaria. Hitler, ao contrário, dava ouvidos a Guderian, o líder da nova escola, para quem a divisão blindada devia ser a ponta de lança do exército (Williams, 1974, p. 6).

Os franceses também não notaram o papel do avião, que a campanha da Polônia já demonstrara. Enquanto os alemães tinham mais de 3.000 aviões em maio de 1940, incluindo 400 bombardeiros de mergulho, a França dispunha de cerca de 1.200 e não possuía nenhum avião desse tipo, evidenciando o atraso das doutrinas francesas sobre emprego combinado entre o poder terrestre e aéreo (ibidem, p. 21).

De modo geral, os chefes militares franceses viveram por muito tempo apegados a velhos conceitos e métodos, ignorando a

revolução que se desenvolvia na Alemanha da arte de guerrear, revolução que a tornou muito rápida e muito móvel. Diante de um vizinho tradicionalmente hostil e muito mais forte, o comando militar francês preocupou-se perigosamente com a defesa. À parte breve período, um pouco antes e durante o início da Primeira Guerra Mundial, quando se reviveram técnicas ofensivas, assim mesmo já muito ultrapassadas, os franceses não se preocuparam senão com a defesa, desde a derrota experimentada na guerra que sustentaram com a Prússia, em 1870. E o ideal era, ledo engano, uma defesa estática e linear, fossem as trincheiras da Primeira Guerra ou, mais tarde, a 'Linha Maginot'. Somente quando a campanha ocidental estava virtualmente perdida é que se ensaiou uma tentativa séria de estabelecer uma defesa em profundidade (...) (Hart apud Williams, 1974, p. 154).

4.3. Barbarossa: o crepúsculo

A Operação Barbarossa foi o desfecho da era vitoriosa da *blitzkrieg* e teve início em 22 de junho de 1941. O plano alemão funcionou bem durante os primeiros estágios, enquanto as tropas russas resistiam fixas, exatamente o que os alemães precisavam. O Exército alemão planejara cercar o grosso das forças soviéticas o mais perto possível da fronteira, pois temia sofrer a sorte de Napoleão, em 1812, ou seja: ser tragado para a batalha na imensidão russa, onde as dificuldades logísticas fariam diferença a favor dos defensores.

A primeira fase da campanha terminou com um sucesso praticamente absoluto, e, no início de julho, teve início o avanço para Smolensk, estágio preliminar do ataque contra Moscou, objetivo definido como principal. Ao saber da queda de Smolensk, o Alto Comando Soviético chegou a discutir sobre a possibilidade de rendição (Lukacs, 2006, p. 106-107). Àquela altura, as baixas soviéticas haviam atingido proporções espantosas: mais de 3.000 aviões destruídos; das 164 divisões identificadas, o Estado-Maior alemão afirmava ter destruído 89. O total de baixas do Exército Vermelho, desde junho, passava de três milhões de homens (Gibelli, 1966, Vol. II, p. 20).

Em seguida, todavia, uma decisão mudou o curso da campanha. Em 8 de julho, Hitler falou aos seus generais sobre a sua preferência em capturar a Ucrânia antes de Moscou, pelos recursos econômicos que considerava indispensáveis ao prosseguimento da campanha, e provocou muita polêmica entre os seus comandantes (Kershaw, 2007, p. 348-351).¹² A decisão era

¹² Os principais generais envolvidos nas operações dos três grupos de exércitos reagiram com preocupação a esta ordem, que resultaria em grande perda de tempo na captura de Moscou. Muitas discussões foram travadas entre Hitler, o Estado Maior do exército e os comandantes na Rússia. Os generais empenhados na frente foram todos unânimes em afirmar a importância de se marchar contra Moscou o quanto antes, a fim de

claramente uma falha de percepção estratégica e, apesar dos sucessos obtidos até ali, os alemães começavam a sentir que a destruição do Exército soviético era uma tarefa mais complicada do que julgaram.

Irredutível, Hitler lançou o Exército alemão em grandes batalhas na Ucrânia, ao sul, e ao norte, em Leningrado. As forças alemãs cercaram a antiga capital do Império russo e avançaram profundamente na Ucrânia, alcançando seus objetivos, que, apesar de expressivos em termos operacionais, eram inconclusivos estrategicamente. A *blitzkrieg* na Ucrânia levara a União Soviética “à beira do colapso” (Lukacs, 1976, p. 169), mas se aproximava o inverno e o desgaste das forças alemãs, com suas linhas de comunicação esticadas ao limite, atingia níveis que desafiavam sua renomada capacidade operacional. Pior ainda do que o inverno, foi a estação das chuvas, a *rasputitsa*, que tornou o terreno – quase sem estradas pavimentadas – impraticável para as forças mecanizadas alemãs. Por tudo isso, a variável “tempo”, que normalmente já corre em favor dos russos, por contarem com tanto território, se tornava um fator de crescente preocupação entre os alemães, que entendiam que a janela para o ataque a Moscou estava se fechando¹³.

Como ficou claro, a URSS não estava liquidada e vinte divisões siberianas – liberadas pela assinatura do Tratado de Não-Agressão com o Japão – foram deslocadas, preparadas e descansadas, para deter os exaustos alemães às portas da capital. Com sua capacidade operacional reduzida drasticamente, o Exército alemão rumou para Moscou despreparado para o inverno e incapaz de superar defesas em profundidade montadas meticulosamente enquanto os *panzers* varriam a Ucrânia. Nesse sentido, o sucesso na Ucrânia, que até hoje conserva as maiores vitórias militares, em números, da história, foi também o crepúsculo da *blitzkrieg*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que pese o fracasso em Moscou, os alemães empreenderam com sucesso a aplicação do seu método operacional entre 1939-41, e com alguns “espasmos”, ainda, depois disso em meio à avalanche aliada que se abateu contra todas as suas frentes. Esse método, batizado de “guerra relâmpago” por motivos evidentes, foi o corolário histórico de elaborações teóricas e

precipitar uma batalha final contra as forças russas, mas nenhum deles conseguiu, ao final, persuadir Hitler (Lukacs, 1976, p. 173).

¹³ Morais, 2015. Disponível em: <https://www.rest.uff.br/index.php/rest/article/view/82>. Aqui, analisei as decisões de Hitler nessa campanha à luz da teoria de Clausewitz, com ênfase no “ponto culminante do ataque”.

experimentações que ocuparam os militares entre 1920-30, a partir do difícil problema das trincheiras durante a Primeira Guerra Mundial.

Retiradas à zona de conforto da vitória, as democracias ocidentais apostaram na conservação dos métodos hegemônicos de 1914-18, enquanto os derrotados e excluídos da ordem de Versalhes, notadamente os alemães, trabalharam para resolver o problema e superar as ideias dominantes, tornadas obsoletas em face das inovações em curso.

Enquanto a Polônia foi o primeiro e bem-sucedido teste, a campanha da França marcou o auge da *blitzkrieg*, e a Rússia, o seu laboratório mais inóspito e que forçou a capacidade operacional alemã ao limite. Após conquistarem praticamente toda a Europa, os alemães encontraram na Rússia o seu momento derradeiro, o ponto culminante do seu ataque, em acepção clausewitziana¹⁴, cujo desfecho às portas de Moscou significou a primeira derrota estratégica do Exército alemão, a perda de iniciativa de Hitler e o ponto de inflexão da guerra. Apesar de algum avanço na primavera seguinte, jamais conseguiriam de novo o mesmo ímpeto de 1941, e em pouco tempo a frente alemã passaria a lidar com o “rolo compressor” soviético, consolidado a partir da emblemática vitória de Stalingrado, que terminariam em Berlim.

Desde então, muitas inovações foram observadas no campo militar. No entanto, a essência do emprego combinado em ações ofensivas convencionais permaneceu por muito tempo inalterada. A moldura estratégica da dissuasão nuclear, que impera desde a Guerra Fria e obstaculiza confrontos diretos entre potências, negou aos observadores o laboratório para a atualização desse debate, que passou a ser pautado por experiências assimétricas e, portanto, pouco conclusiva para a guerra convencional. Não obstante, o conflito em curso na Ucrânia tem apresentado o retorno das trincheiras em face de condições novamente hostis à ofensiva, como o surgimento dos drones e de novas armas antitanque, inovações que dificultam o emprego dos blindados e obrigam a infantaria a buscar proteção novamente. Por isso, a guerra, assim como a história, não tem “destino final”, trata-se de um processo, que, embora sempre imprevisível, apresenta padrões que podem ser apreendidos da experiência histórica para informar o presente e (tentar) prospectar o futuro, exercício vetado ao historiador, mas demandado aos estrategistas.

¹⁴ Morais, 2015. Disponível em: <https://www.rest.uff.br/index.php/rest/article/view/82>.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. V. Portella F. **Os Blindados Através dos Séculos**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1964.
- CARTIER, Raymond. **A Segunda Guerra Mundial**. Editora Larousse do Brasil – Paris Match, 1967.
- CITINO, Roberto M. **Blitzkrieg to Desert Storm: The Evolution of Operacional Warfare**. University Press of Kansas, 2004.
- FERRO, Marc. **História da Primeira Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1969.
- GAULLE, Charles De. **Por um Exército Profissional**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1996.
- GIBELLI, Nicolas J. **A Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Codex, 1966.
- GLANTZ, David M.; HOUSE, Jonathan. **Confronto de Titãs – Como o Exército Vermelho deteve Hitler**. São Paulo: C&R Editorial, 2009.
- GUDERIAN, Heinz. **Achtung Panzer!** Rio de Janeiro: Bibliex, 2009.
- HART, Liddell. **O Outro Lado da Colina**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1973.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: Breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOGG, Ian V. **Artilharia – A Tática dos Canhões**. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1977.
- HOUSE, Jonathan. **Combinação das Armas – A Guerra no Século XX**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2008.
- HOWARD, Michael. “Homem versus Fogo: Doutrina Ofensiva em 1914”. In:
- PARET, Peter (org.). **Construtores da Estratégia Moderna. Tomo 2**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2003.
- KEEGAN, John. **A Face da Batalha**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2000.
- LEACH, Barry. **Estado Maior Alemão**. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1974.
- LOURO, João Marcos Macedo. **“O Cavalo ou o Motor”: Análise do Processo de Motomecanização no Exército Brasileiro (1921-1942)**. Tese de Mestrado em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança, defendida na UFF, em 2011.
- LUKACS, John. **A Última Guerra Européia – Setembro de 1939 – Dezembro de 1941**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1976.
- _____. **Junho de 1941: Hitler e Stálin**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

MACKSEY, K. J. **Divisões Panzer – Os Punhos de Aço**, Rio de Janeiro: Editora Renes, 1974.

MESSENGER, Charles. **A Guerra de Trincheiras – França e Flandres, 1914-18**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1978.

MORAIS, João Rafael Gualberto de Souza. **A intelectualidade militar brasileira e sua reflexão sobre a *Blitzkrieg* n'A Defesa Nacional**. 186f. Dissertação de Mestrado em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança – Universidade Federal Fluminense, 2014.

_____. Oportunidades perdidas: análise da campanha alemã na União Soviética em 1941 a partir da Teoria de Clausewitz. **Revista Brasileira de Estudos Estratégicos**, v. 7, n. 13, 2015.

MURRAY, Williamson; MILLET, Allan. (ed.) **Military Innovation in the Interwar Period**. Cambridge University Press, 1996.

PARET, Peter. (org.) **Construtores da Estratégia Moderna. Tomo 2**. Rio de Janeiro: BIBLIX, 2003.

WILLIAMS, John. **França – 1940, a catástrofe**. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1974.